

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
FILOSOFIA/BACHARELADO

MARYANA MAYARA DA SILVA OLIVEIRA

**Filosofia e raça: feridas da colonização na construção da subjetividade do povo negro.**

Trabalho apresentado como recurso parcial para avaliação da disciplina Monografia II, no curso de Filosofia/Bacharelado da UFPE.

Orientador: Prof. Dr. Érico Andrade.

Recife  
2023

## **Filosofia e raça: feridas da colonização na construção da subjetividade do povo negro.**

Aluna: Maryana Mayara da Silva Oliveira

Orientador: Prof. Dr. Érico Andrade (UFPE)

**Resumo:** Este artigo tem o objetivo de encontrar a resposta à questão, “quais implicações da colonização e racialização no processo de formação da subjetividade das pessoas negras?”. Minha hipótese é a de que o projeto racial fundante da colonização é violento e tem impacto na construção da subjetividade das pessoas negras, condicionando a construção de suas subjetividades a partir de uma inferioridade em relação ao Outro branco, negando-as a uma identidade, como é também responsável pelas condições da atual desigualdade nas posições sociais. Para a resposta irei usar como fundamento ao lado de trabalhos de outros autores, de forma principal os trabalhos que tratam da subjetividade do povo negro, escritos pelo psiquiatra e filósofo Frantz Fanon como também da psiquiatra brasileira Neusa Santos Souza.

**Palavras-chave:** Subjetividade, Raça, Racismo, Frantz Fanon, Neusa Santos Souza

**Abstract:** This article aims to find the answer to the question “which are the implications of colonization and racialization in the process of black people’s subjectivity construction?”. My hypothesis is that the racial project founder of the colonization is a violent process, has an impact on the construction of the black people's subjectivity, conditioning their subjectivities under a feeling of inferiority in relation with the Other, the white man, and gave reasons for inequality on the social positions, as also denying their possibility to an identity. For the answer I will have as my foundation beside works from other authors, as main focus the works on black people's subjectivity written by the psychiatrist and philosopher Frantz Fanon as well as the brazilian psychiatrist Neusa Santos Souza.

**Key words:** Subjectivity, Race, Racism, Frantz Fanon, Neusa Santos Souza

## Considerações Iniciais

O presente trabalho tem como objetivo compreender como se deu a construção da subjetividade do povo negro em um contexto de racialização desses indivíduos. O problema que me detenho aqui corresponde à questão “quais implicações da colonização e racialização no processo de formação da subjetividade das pessoas negras?”.

A minha hipótese é a de que o projeto racial estruturante da colonização é violento e afeta completamente<sup>1</sup> na construção da subjetividade do povo negro. Além das limitações sociais, econômicas, e culturais derivadas desse processo, este os condicionou, os alienou, os negando uma identidade. Constituindo as limitações dos afetos, limitações da formação de suas subjetividades, as quais são circunscritas ao sentimento de inferioridade de si mesmo em relação ao Outro (ao ethos da branquitude).

No texto para melhor contextualização, considerando o caráter interdisciplinar no debate pós-colonial, trago um diálogo da relação existente entre a perspectiva epistemológica da filosofia moderna, do projeto colonial e as conjunturas em torno da condição de ser negro e sua subjetividade no pós-colonialismo. Tenho como proposta primeiramente elaborar uma breve discussão que nos esclarece sobre a criação do conceito de raça e o projeto colonial - *me utilizando de alguns autores que pensam as questões sociais* (aplico a perspectiva do sociólogo e historiador Clóvis Moura acerca do processo de colonização no Brasil e idealismo do colonizador), *biológicas e as teorias do conhecimento relacionadas ao surgimento de tal conceito* - que apesar de não ter peso no debate pós-colonialista, trata-se de localizar as raízes do problema na sua epistemologia.

No tópico sobre o simbolismo no conceito de raça, termo que encontrei detalhado na obra de Neusa Santos, tentarei demonstrar ainda usando do pensamento de Clóvis Moura unido ao de Neusa Santos, como a raça que é percebida no indivíduo é fator fundamental considerado para como este indivíduo é visto e tratado na sociedade.

---

<sup>1</sup> Completamente, refere-se à integralmente: no âmbito social, político, econômico e individual. E não sem possibilidades de mudança.

Então, no último tópico "a construção da subjetividade na epiderme negra" apoio a resposta à minha hipótese e solução ao problema, nos escritos deixados por Frantz Fanon<sup>2</sup> e Neuza Santos Souza<sup>3</sup>. Ambos os autores negros que realizaram um trabalho primoroso e importantíssimo. Me amparando de suas vozes e dos indivíduos de pele negra relatadas em suas obras para, então, retratar acerca desse processo racista que transpassa suas vidas, o qual está estruturado na realidade de sociedades colonizadas como o Brasil - sobre os quais se edificam suas subjetividades, seus afetos - e assim necessário para que possamos, portanto, pensar a síntese entre o idealismo do colonizador, e simbolismo da epiderme na formação da subjetividade do povo negro.

Por fim, discutir de acordo com esses dois autores a importância dos homens e mulheres negros e brancos de se reconhecer e reconhecer o outro para além do que lhes foi atribuído pelas normativas da classe dominadora, ou seja, de abandonar a ideologia da sub-humanização<sup>4</sup> do negro e supremacia branca, seja pela conscientização filosófica, como também na luta dos movimentos sociais.

---

<sup>2</sup> De forma meteórica Frantz Fanon (1925-1961) - nascido na Martinica, filósofo, pensador, psiquiatra, com formação na tradição europeia -, veio e nos presenteou com suas obras que pensam a situação da negritude em relação ao fardo do projeto colonizador universal de civilização. Frantz Fanon foi aluno de Aimé Césaire, lutou na frente da revolução da Argélia. Seu trabalho não é tão presente nas universidades dos países colonizados, visto a até presente predominância da valorização da tradição europeia e percepção da filosofia como uma criação exclusivamente europeia. Assim, quero aqui trazer, mesmo que brevemente um pouco da riqueza de seus escritos e sua ímpar contribuição para que possamos compreender os processos na formação da subjetividade do povo negro. Frantz Fanon é reconhecido por seu papel nos estudos coloniais e pós-coloniais. Cuidou de vítimas dos conflitos na Argélia, seu método humanista de olhar, revisando assim a psicanálise deixada por Freud - que ainda que inovador havia sido desenvolvido a partir de uma ignorância branca, eurocentrada - e aplicada à ela a sociogênese. Acrescentando à psicanálise o fator colonial e do racismo. O ensaio sobre a desalienação do negro, tese rejeitada por não ter um aspecto positivista, além de falar sobre os afetos nos povos colonizados tem um caráter sobre a possibilidade de mudança da realidade da qual estava inserido.

<sup>3</sup> Neuza Santos Souza (1948-2008) mulher negra foi uma psiquiatra, psicanalista e escritora brasileira, importante para a luta contra o racismo no Brasil, introduziu questões raciais à psicanálise. Assim como Fanon, fundamental na compreensão dos processos de subjetivação das pessoas negras. De sua tese de mestrado originou seu livro "tornar-se negro", em que retrata a questão do racismo nos negros em ascensão, o qual usei como obra fundamental para pensar neste artigo sobre a questão do povo negro.

<sup>4</sup> [...] para Sartre (1968, p. 37), "o sistema colonial para se manter deve conservar-se cada dia mais duro, mais desumano". Entretanto, no colonialismo, essa desumanização não se concretiza de fato, mas como tendência. Em termos filosóficos, para ser desumanizado, o colonizado precisaria, antes de mais nada, ser reconhecido enquanto humano, em sua liberdade (SARTRE, 1968). Para Sartre (1968, p. 144), o termo que melhor descreve essa situação é "sub-humanizado", ou seja, "nem homem, nem animal, eis o indígena" (FAUSTINO, 2020, p. 86).

## A noção de raça e o projeto colonial: o ideal filosófico do colonizador

Os fatos visíveis ou invisíveis, dizíveis ou indizíveis que provocam a humilhação, os mecanismos que a conduzem, variam segundo os momentos, os sistemas, as condições, mas a humilhação comportará um núcleo irredutível, de um lado. As colonizações são mais ou menos violentas, mais ou menos brutais, abertas ou insidiosas, extensas ou restritas, mas todas reenviam à ausência, à privação, até mesmo à negação da autonomia e do valor do próprio colonizado, retornando, assim, à humilhação. Todas arrebatam, deste modo, a sensação, senão é o sentimento, e, em consequência, a consciência da opressão, da alienação, da servidão, da dependência, e, enfim, da impotência (HAROCHE, 2009, p. 2).

Conforme as anotações da autora, e da forma que se caracteriza a colonização, podemos dizer inquestionavelmente que foi um dos processos<sup>5</sup> mais violentos da história. Este tem a sua base fundamentadora construída a partir do conceito de raça<sup>6</sup>, que autoriza as explorações de um homem sobre outro homem em nome da economia desfrutada pela classe em ascensão. As explicações para o surgimento deste conceito estão no processo da revolução científica, no contexto do projeto da modernidade.

Isto é, a compreensão sobre a ciência de forma geral no iluminismo<sup>7</sup> e a tentativa de sua aplicação como ferramenta de inteligência da verdade tanto sobre os objetos naturais quanto no conhecimento dos diferentes povos tem como consequência o discurso racista. Explica Érico Andrade este papel da reflexão em

---

<sup>5</sup> Tanto em Fanon como em Sartre, o colonialismo é um sistema econômico, histórico e contraditório, que permite as transferências material e simbólica das contradições sociais capitalistas para a sua periferia, poupando os centros metropolitanos – e, em consequência, a sua classe trabalhadora, da violência extrema e barbárie que sustenta a democracia burguesa (SARTRE, 1968). (FAUSTINO, 2020, p. 85).

<sup>6</sup> Assim, diferente de Sartre (1968, p. 47), para quem o racismo – nos seus termos “segregação racial” - é, no fundo, uma segregação econômica, para Fanon é tanto um “produto” quanto um “processo” ao qual o grupo dominante lança mão para desarticular as possíveis linhas de força do dominado, destruindo seus “valores, sistemas de referência e panorama social”, pois, uma vez “desmoronadas, as linhas de força já não ordenam. Diante delas, um “novo conjunto imposto, não proposto, é afirmado com todo o seu peso de canhões e de sabres” (SARTRE, 1968, p. 38). (FAUSTINO, 2020, p. 86).

<sup>7</sup> Incorporando a razão em seu discurso, os iluministas fizeram do que não é o espelho da Europa a imagem do atraso, do desumano, que precisaria, na melhor das hipóteses, ser conduzido (adestrado) para se adequar ao modelo europeu. É nesse sentido preciso que gostaria de tecer uma crítica ao uso que o discurso iluminista faz da razão no intuito de mostrar como ele pode financiar o racismo e a própria servidão. Não quero afirmar que o iluminismo se prestou apenas a isso, mas gostaria de alertar que a servidão é, paradoxalmente, uma das consequências possíveis do empoderamento da razão como instância capaz de julgar a autonomia dos povos. [...] quando o discurso iluminista não confere aos indivíduos o poder de decidir, de modo legítimo, se a sua autoimagem corresponde à autodeterminação da razão, ele infringe paradoxalmente a autonomia dos povos porque lhes retira do direito de tomar a imagem de si mesmos como legítima autoimagem (ANDRADE, 2017, p. 294-301).

torno da razão na filosofia, sua relação com a instauração do racismo, e pressuposição dos padrões europeus como únicos e autônomos, quando nos diz:

[...] com isso [...] se autorizou a traçar um horizonte impessoal e objetivo para o qual todos os povos deveriam caminhar no intuito de garantirem a maioria da razão [...] retira dos povos a legitimidade de constituírem a sua própria autoimagem [...] quando determinou o modelo europeu como esse horizonte, a filosofia moderna lançou base para o etnocentrismo e para uma de suas consequências possíveis: o discurso racista (ibidem 291-293).

A razão europeia tida como única fonte possível de conhecimento, mecanizou e objetificou as concepções acerca do humano não branco, na tentativa de um epistemicídio que negou ao outro que não era branco a sua capacidade de pensar, criar e produzir. O reduziu a irracionalidade e, portanto, guiado pelas emoções primitivas.

Ademais, ainda que o uso da ciência seja feito para se falar de raça, uma vez que a ciência opera sob o método científico e que o método científico é experimental, assim como nos diz o geneticista Guido Barbujani “a ciência precisa de dados sólidos, para poder dar respostas válidas [...] faltavam os dados científicos necessários” (2007, p. 80-81) corretos, e “conhecimento necessário das bases genéticas, para que então pudesse falar do conceito de raça” ou acerca do “quanto da nossa inteligência depende dos genes” (ibidem: 80).

Em um estudo sobre raças<sup>8</sup>, após 1960, o geneticista Richard Lewontin conclui que não há justificativa para manter a classificação genética, visto que ela não tem significado genético e taxonômico, “a classificação racial humana não tem qualquer valor social e tem um claro efeito destrutivo sobre as relações sociais e humanas” (1972, p. 397). Apesar das críticas feitas ao geneticista, estudos posteriores sobre as diferenças entre raças, após os anos 90, apresentaram resultados precisamente semelhantes aos descobertos por Lewontin (BARBUJANI, 2007, p. 87). Não apenas temos um ancestral em comum como também a diferença entre diferentes “raças” é menor do que a diferença genética no interior das populações.

---

<sup>8</sup> A discussão sobre a raça e racismo é ampla e complexa. Após os anos de 1960 Richard Lewontin aperfeiçoou o método estatístico baseado nas bases genéticas para medir a diferença entre as ditas raças. Usando um catálogo de raças comparou sete raças entre si, e concluiu que 85% da variabilidade se encontra no interior das populações, havendo um aumento de 8 e 7 por cento se pertencer a populações diferentes da mesma raça ou pertencer a raças diferentes, respectivamente. Segundo Barbujani “as diferenças entre as sete raças representam uma pequena fração da diversidade genética global da nossa espécie” (2007, p. 83).

Assim, é importante esclarecer que há um consenso acadêmico que nos diz que a raça é um conceito socialmente construído baseado no determinismo biológico, e que “o conceito de raça é um fenômeno moderno, pelo menos na Europa e nas Américas” (STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY, 2018)<sup>9</sup>.

A filosofia e a ciência produziram e reproduziram uma epistemologia racista. Foi em grande parte da filosofia moderna e antropologia o início das definições racistas naturalistas em relação à raças diferentes de homens.

As primeiras manifestações de racismo contra os negros podem ter sido na península Ibérica, pois, foi a primeira região a usar escravos africanos [...] cristãos associaram negros como física e mentalmente adequados apenas para o trabalho servil (STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY, 2018)<sup>10</sup>.

Contudo, a primeira articulação do conceito de raça corresponde à uma publicação de François Bernier em “*A new division of earth*” (1684) “onde escreveu uma divisão da humanidade em quatro ou cinco raças”<sup>11</sup> (STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY) baseando-se em seus fenótipos. Com os escritos do filósofo Hume em 1754 e 1776, e as teorias de Gobineu em “*Essay on the inequality of human races*” argumenta-se no que diz respeito à inferioridade dos negros e superioridade racial branca.

Disposto a suspeitar que negros e outras espécies de homens em geral (pois há quatro ou cinco tipos diferentes) sejam naturalmente inferiores aos brancos. Nunca houve nação civilizada além da branca, ou mesmo um indivíduo eminente seja em ação ou especulação. Não há manufatureiro entre eles, não há arte nem ciência [...] Tal diferença uniforme e constante não poderia ter ocorrido em tantas nações e eras se a natureza não tivesse feito uma distinção original entre essa linhagem de homens (HUME, 1985, p. 72-73).

Da mesma forma, o filósofo alemão Hegel, em sua filosofia da história e do direito, assumiu o ideal político de sociedade aos povos brancos germânicos, e um

---

<sup>9</sup> Do original “*The dominant scholarly position is that the concept of race is a modern phenomenon, at least in Europe and the Americas*” (Tradução livre nossa).

<sup>10</sup> Do original “*The Iberian Peninsula may also have witnessed the first stirrings of antiblack [...] racism Since this region was the first in Europe to utilize African slavery [...] Iberian Christians may have come to associate Black people as physically and mentally suitable only for menial labor*” (Tradução livre nossa).

<sup>11</sup> Do original “*this essay presented a division of humanity into “four or five species or races of men [...]”* (Tradução livre nossa).

campo conflituoso e irracional de convivência aos povos não germânicos. Para Hegel a consciência e concretização da liberdade e da racionalidade era alcançada no mundo germânico. O racismo estava relacionado tanto ao indivíduo, quanto era discriminada a forma de organização das sociedades em que ele vivia.

Afinal, a sociedade escravista como unidade produtora<sup>12</sup>, necessitava de um projeto social, cultural com razões filosóficas, uma ideologia que a má interpretação no uso da razão os serviu. O conceito de raça foi uma criação eurocêntrica da branquitude, que caracterizou a raça negra como inferior a branca. Sub-humanizando os povos negros e baseando-se na epistemologia da época, serviu como justificativa para sua coisificação e empregabilidade à servidão (foram implicações tais que norteiam e efervesce a escravidão e o racismo, portanto, considerada a ideologia criada acerca de sua cor, seu corpo, de sua pele e origem geográfica, estas eram condições suficientes para torná-los escravos).

Isto posto, ao pensar no processo de colonização no Brasil iniciado no século XV que se caracterizou especialmente como um projeto econômico de produção de riquezas para a elite branca europeia dominadora da época. Considerando que o processo de escravidão nas américas tem características específicas e se distingue dos vários outros processos de escravidão que aconteceram ao longo da história, isto é, o tráfico, comércio e escravização do povo africano fez parte de um processo mercantil, neste, o homem negro era visto como um produto.

Dessa forma, Clóvis Moura caracteriza o violento processo do colonialismo e especificamente o de Portugal não como apenas um ato de expansionismo geográfico para novas áreas de dominação e rotas comerciais:

[...] mas foi, também, como compilador étnico e mutilador estrangulador cultural. Compilador étnico porque introduziu compulsoriamente nas áreas colonizadas [...] o componente africano [...] que involuntariamente consolida com o seu trabalho, o escravismo nessas colônias. Mutilador e estrangulador cultural porque impôs pela violência, direta ou indireta, os seus padrões culturais e valores sociais usando para isso desde a morte e a tortura até catequese refinada chamada de evangelização para dominar os povos escravizados (2014, p. 175).

---

<sup>12</sup> [...] o sistema de escravidão no Brasil deve ser visto como parte fundamental de um dos maiores empreendimentos mercantis dos primórdios do capitalismo, notadamente o da indústria do açúcar [...] para o cumprimento dos altos objetivos comerciais da colonização e obtenção do monopólio da terra havia a necessidade de uma mão-de-obra [barata] conveniente para as tarefas exigidas nas plantações [...] com isso, os engenhos de açúcar deram lugar ao latifúndio escravista (ANDRE, 2007, p. 27-28).

Por certas vezes há uma tentativa de apagar ou justificar as atrocidades cometidas pelo processo de colonização - chamado costumeiramente de processo civilizatório -, desde a falsa justificativa de que o povo negro de África comercializa seu próprio povo, no entanto, é sabido que a colonização provocou a diáspora dos diversos povos de África, e que em África haviam disputas entre diferentes etnias da mesma forma que havia em outros povos, o que não se caracteriza mesma sociedade e cultura homogênea, mas sim diversa.

Como aponta Lewis Gordon em seu prefácio à obra de Fanon *Pele negra máscaras brancas* para ele, “[...] os negros são construídos como negros. Em outras palavras, não haveria razão para as pessoas na África, ou em outras áreas do Pacífico Sul, pensarem em si mesmas em termos raciais” (2008, p. 15). Antes de serem determinados como negros, o ser negro não era uma questão para aqueles povos.

Assim, as concepções a respeito do conceito de raça são importantes para nos orientar na reflexão da sua origem e contexto, na criação da ideia do "ser negro", como para também pensarmos e analisarmos na órbita dos impasses gerados quando se faz uma má interpretação e aplicação do uso da filosofia e da ciência. No entanto, não há forte impacto dessa discussão no terreno do pós-colonialismo, visto que independente do consenso ou dissenso sobre a definição da existência de raças, desde que existiu a colonização e o colonizador, o conceito de raça tem função simbólica<sup>13</sup>, ou seja, até os dias de hoje a raça que é visualizada em seu exterior informa e lhe atribuiu privilégio ou submissão às instituições e forças dominantes.

## **O simbolismo no conceito de raça**

Ainda que “o ceticismo racial acredite que dado que o naturalismo racial é falso, e que as raças não existem”<sup>14</sup> (STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY, 2018), sabemos que a construção da ideia de raça permite que uma seja

---

<sup>13</sup> Termo retirado da obra de Neuza Santos “Tornar-se negro”. Neuza Santos nos explica acerca deste termo: “Nas sociedades de classes multirraciais e racistas como o Brasil, a raça exerce funções simbólicas (valorativas e estratificadoras)” (1983, p. 20).

<sup>14</sup> Do original “*racial skepticism holds that because racial naturalism is false, races of any type do not exist*” (Tradução livre nossa).

hierarquicamente superior à outra. As definições e seus significados dadas a outros povos não brancos são em si radicalmente racistas.

Ao “se tornar parte de uma raça, o indivíduo é assim racializado”<sup>15</sup>. Ademais no conceito de raça não há expectativa evolutiva do racializado, ele se torna imutável no sentido evolutivo, seu caráter e comportamento são definidos pelo que lhe foi atribuído a partir do seu fenótipo percebido, ou seja, as associações feitas ao indivíduo possuem caráter avaliativo sobre como esses indivíduos devem ser vistos como também tratados.

Desta forma, após a criação do conceito de raça, ainda que seja definido que não há raças do ponto de vista genético, e que por fim “os cientistas, após muitas reticências, admitiram que o preto era um ser humano; in vivo e in vitro o preto tinha-se revelado análogo ao branco; mesma morfologia, mesma histologia” (FANON, 2008, p. 111) ainda assim, esse fato não tem implicação na não existência de racismo.

Portanto, o que também podemos perceber é que com a factual presença do racismo não podemos falar de uma democracia racial. Considerando que:

A herança da sociedade escravocrata, a desigualdade racial, que colocava o negro a reboque das populações nacionais, era preservada e reforçada pelo preconceito de cor que funcionava como mantenedor da hegemonia branca nas relações interraciais (SOUZA, 1983, p. 22).

Por exemplo da miscigenação, devido ao fato de que a desarticulação étnica do sistema colonial não ensejou a miscigenação como forma de democracia racial (MOURA, 2014, p. 216), o sistema de subordinação e dominação foram estrategicamente montados (ibidem: 209), apesar de uma pequena fresta na ascensão social, existiam barreiras de mobilidade social (ibidem: 216). Então, a miscigenação ocorreu pelas violências sexuais, relações limitadas pelo convívio nas colônias, e também por uma política do movimento eugenista de branqueamento dos povos e escala de classificação étnica. Houve um interesse de tirar a “mancha negra” do Brasil, assim sendo, parafraseando Clóvis Moura, na imagem do negro está inscrito a imagem de escravo (2014, p. 180).

O branqueamento do qual falamos forma o que mais tarde podemos chamar de colorismo, isto é, quanto mais o fenótipo se aproxima ao do branco maior o grau

---

<sup>15</sup> Do original “*to be a member of a race is to be racialized*” (Haslanger, 2000) – Tradução livre nossa.

de aceitação social. Isso decorre da filosofia étnica do colonizador da ordenação social que “cria desigualdades, não da capacidade ou incapacidade de cada um, mas da sua cor e da origem de nascimento” (MOURA, 2014, p. 205). Neusa Santos Souza nos fala acerca de:

[...] um tripé formado pelo contínuo de cor, ideologia do embranquecimento e democracia racial – sustentáculo das estruturas das relações raciais no Brasil – [...] constitutivo do primeiro elemento do tripé- o contínuo de cor – era o fato de que o branco e o negro representavam apenas os extremos de uma linha ininterrupta onde, às diferentes nuances de cor, se adscreviam significados diversos, segundo o critério de que quanto maior a brancura, maiores as possibilidades de êxito [...] (1983, p. 22).

Em outras palavras, além da fundamentação biológica, o racismo existe em função de concepções políticas, estéticas, culturais normativa. Seja nas prerrogativas sociais, na associação da negritude à marginalização, na discriminação de classe ao relacionar a negritude às classes sociais mais precárias, na alocação e associação da negritude à cargos de trabalho socialmente não valorizados, ou seja, a raça, o fenótipo, apresenta algo ao mundo e, portanto, a si mesmo. O conceito de raça influencia o modo de ser. Através do conceito de raça se cria um ato, ao se encaixar em uma raça fenotipicamente, a partir da minha raça criei o conceito do que sou, e sou “[...] ao mesmo tempo responsável pelo meu corpo, responsável pela minha raça, pelos meu ancestrais” (FANON, 2008, p.105).

Clóvis Moura aponta que no período da colonização aos escravos nativos e africanos eram alocados as posições e trabalhos mais inferiores na escala social, como um dos meios de controle sob esse povo, e conclui que:

Este foi o grande traumatismo do sistema colonial criado e consolidado por mais de quinhentos anos e do qual ainda não nos curamos totalmente porque novos mecanismos de subordinação neocolonial substituíram as primitivas e mais rudes técnicas de dominação (2014, p. 176).

É imensurável os danos que nos deixou o processo da colonização, o racismo então se expressa na consciência em comum. De alguma forma o discurso se interioriza e perpétua. Nem mesmo o fim da escravidão põe fim ao discurso de servidão e as condições socioeconômicas conferidas aos povos afrodescendentes. A ferida da colonização ainda está aberta nos corpos negros.

Segundo Clóvis Moura para tentar livrar dessa ferida de uma identidade étnica que se dilui, do racismo:

[...] um dos recursos usados é a fuga [...] para uma identidade simbólica e ambígua [...] procura refugiar-se nessa identidade simbólica e construída a fim de aproximar-se o mais possível dos membros do ideal tipo escolhido como superior pelas estruturas de poder dominantes (2014, p. 215).

## **A construção da subjetividade na epiderme negra**

[...] o negro não é um homem [...] o negro é um homem negro; isto quer dizer que, devido a uma série de aberrações afetivas, ele se estabeleceu no seio de um universo de onde será preciso retirá-lo (FANON, 2008, p. 26).

A epiderme denuncia, e sob o espectro de cores de peles negras de mais claras a mais escuras reside uma dor, uma ferida coletiva. Herança da racialização da sua ascendência a qual ainda não os abandonou por completo. Os homens e mulheres negras carregam na pele o peso do olhar da branquitude.

Desta forma, me intendo a dizer que, a fala eloquente de Fanon “ô meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona” (2008, p. 191) faz refletir sobre o fardo construído pelo homem branco, que traz na cor, no corpo, nos traços do homem negro, da limitação ontológica, da condenação à subalternização a qual foram expostos. Retrata a experiência fenomenológica que só pode ser vivida por aquele que em sua epiderme se percebe a cor negra.

Este quem não pode fugir de seu corpo, que seu corpo não passa despercebido, que o tempo inteiro o faz lembrar de que ele é negro. Mas é anteriormente a tudo, um sujeito dotado desse mesmo corpo, o qual é um corpo humano, com aspirações, desejos, afetos e opiniões. É um homem como qualquer outro homem que reflete e deve se libertar.

Então, Frantz Fanon nos provoca a refletir quando pensa a seguinte afirmação:

Por ser uma negação sistematizada do outro, uma decisão furiosa de recusar ao outro qualquer atributo de humanidade, o colonialismo compele o povo colonizado a se interrogar constantemente: “Quem sou eu na realidade?” (FANON, 1968, p. 212).

Deste modo, é compreendido que a perspectiva a qual o colonialismo nos apresenta funcionou como ideologia que moldou o imaginário e “[...] de forma empobrecedora a percepção de si e do mundo” (FAUSTINO, 2015 p. 59), se internaliza nos indivíduos e os condicionou a uma maneira socialmente criada de pensar e se comportar na realidade. Nos introduzindo “a fantasmagórica e hierárquica contraposição binária entre branco X negro, que é assumida por ambos como identidades fixas” (ibidem: 59) - Fanon chama de epidermização<sup>16</sup> essa interiorização da inferioridade que acontece junto com os processos econômicos que organizam a alienação da negritude. Em vista da epidermização, desde que é inferior, ao colonizado não cabia a atividade da inteligência devido a “pretensa europeização da razão ou do sujeito” (ibidem: 59).

Por sua vez, a razão que era válida é a branca, o que caracteriza como um dos primeiros princípios do não reconhecimento dos povos colonizados. E em particular o não reconhecimento à legitimidade dos povos negros, pois, suas diversas existências dos modos de ser diferentes da dominadora foram negadas, pelo fato de que “o europeu tem uma ideia definida do negro” (FANON, 2008, p. 48), para o europeu o homem negro é um negro e não um outro que é uma extensão do seu Eu (FAUSTINO, 2015, p. 85).

Portanto, ser negro para o branco corresponde a um essencialismo de ser negro, o homem negro perdeu a autonomia do discurso de si (SOUZA, 1983, p. 17), o ser negro é ser o que o branco diz dele, corresponde a uma referência negativa a qual lhe foi atribuída. A sua existência pertence a uma idealização chamada por Fanon de “alma negra” ou “mito negro”. Já o branco é sinônimo de universal, do homem verdadeiro. É o parâmetro do homem negro que ainda não se libertou.

Desta forma, pensando no problema do colonizado e do colonizador, a situação do identitarismo branco e da dialética do reconhecimento, Fanon faz um retorno à psicanálise freudiana e à Hegel. Nos mostra que a questão acerca dos afetos do homem negro pode ser percebida, compreendida, de forma social, política, psicológica e filosófica, pelas quais se originou, superada pelas mesmas vias e inclusive pela psicanálise<sup>17</sup>.

---

<sup>16</sup> O sujeito é encerrado na sua epiderme, de suas possibilidades de existir.

<sup>17</sup> Sabemos que Freud de maneira inovadora percebeu o descompasso entre os sintomas e a fisiologia que não os sustentava, a farmacologia viu um limite no tratamento, portanto, Freud acrescentou à

E na psicanálise - mais tarde otimizada por Fanon, Freud foi além da filogenia<sup>18</sup>, pensou a ontogenia, e desenvolveu uma teoria da cultura, que é onde encontramos a objeção e revisão fanoniana, pois, ao não pensar sobre o fator da racialização, a partir de uma reflexão eurocentrada, Freud fez uma universalização das categorias, uma generalização da cultura humana que não era abrangente para contornar todos os povos da humanidade. Uma vez que, de acordo com Fanon “[...] a alienação do negro não é apenas uma questão individual. Ao lado da filogenia e da ontogenia, há a sociogenia” (FANON, 2008, p. 28).

Isto é, na prática clínica Fanon percebeu que o sofrimento do homem negro e suas construções identificatórias são dadas de forma social, são de fato estruturados em uma patologia social - mas de uma sociedade que foi colonizada - visto que, mesmo que exista uma dimensão de singularidade existente na narrativa pessoal daquele que narra seu sofrimento, é preciso adicionar o fator de que esse sujeito é racializado perante a cultura em que vive, então, Fanon “advoga pela necessidade de ir além da dimensão psicoafetiva para compreender os indivíduos e seus conflitos existenciais em seu contexto histórico e social concreto” (FAUSTINO, 2015, p. 56).

Portanto, a sociogenese é a não redução individualista de um processo que é coletivo. Esse fator constata que é preciso compreender o indivíduo na totalidade que ele está inserido, das suas condições políticas, culturais. É, portanto, compreender o indivíduo perante o todo, ou seja, havendo uma relação na análise do sujeito, que percorre a ontogenia, pela história vivida, e pelo fator social. Isto posto, não há como compreender o sofrimento da pessoa negra sem levar em conta a dimensão racial e colonial da relação do eu com o outro.

---

psiquiatria um novo método em que o testemunho pessoal é levado em conta para acessar as raízes do sofrimento. A escuta, acolhimento e fala eram o caminho para cura. Criando assim um sistema com sua própria epistemologia, uma metapsicologia que compreende que pela livre associação, percebe-se que o sofrimento na dimensão afetiva escapa à consciência racional. A análise que é o caminho para o relato de si, permite que se tome consciência dessas rupturas. Portanto, a psicanálise estabelece uma nova ordem discursiva sobre si, em que alguns pontos emergem de fragmentos que não tínhamos consciência e que passa a configurar uma nova narrativa de si, a qual opera pelo esforço consciente e inconsciente. Compõem o que não se conhece com o que se conhece para ter entendimento da totalidade, pois, mesmo o que não temos consciência sobre, ainda assim nos influencia no processo subjetivo de formação do eu.

<sup>18</sup> Filogenia; história da genealogia de uma espécie ou de um grupo biológico.

Em vista disso, considerando que as ideias possuem territorialidade, cultura, e este é o limite na psicanálise freudiana. O mito fundante da realidade humana na psicanálise corresponde à cultura da Europa. Já o desconforto do homem negro vai além dessa estrutura, observado pela ótica psicológica e social, ocorre pela razão de que o homem negro não alcança os padrões universais que são brancos, ou seja, este desconforto é dado pela sub-humanização, e alienação do homem negro. Na imposição forçada através da violência a uma humanidade que não lhe pertence, mas, que é dita como única possibilidade para que se seja humano.

Escreve Fanon que “quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará de sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negritão, seu mato, mais branco será” (FANON, 2008, p. 34). Em outras palavras, o homem negro colonizado foi então subjetivado a agir na intenção de se aproximar a metrópole, se aproximar a cultura dominante. Foi alienado a negar a si mesmo e, então, se aproximar da branquitude, ou seja, a neurose do homem negro é não corresponder a imagem da branquitude a qual lhe é referência.

Desta maneira:

[...] o preto escravo da sua inferioridade, o branco, escravo da sua superioridade, ambos se comportam segundo uma linha de orientação neurótica. Assim, fomos levados a considerar a alienação deles conforme descrições psicanalíticas (FANON, 2008, p. 66).

Então, considera-se que o processo de subjetivação entre branquitude e a negritude é distinto<sup>19</sup> em relação ao fato de que o negro se encerra no erro, na animalização, foi negado ao homem negro o desejo por seu próprio corpo, e a vivência de sua própria e particular humanidade, ao passo que o branco em seu narcisismo é confundido com o universal e único humano. “O negro quer ser branco. O branco incita-se a assumir a condição de ser humano. [...] o branco está fechado na sua brancura” (FANON, 2008, p. 27).

Dessa forma, esse processo de subjetivação na negritude acontece no seguinte movimento, a princípio podemos perceber pelo viés filosófico considerando o diálogo

---

<sup>19</sup> O Ideal de Ego do negro, em contraposição ao que ocorre regulamente com o branco, é forjado desrespeitando aquilo que, em linguagem psicanalítica denominamos regras das identificações normativas ou estruturantes. Jurandir Freire, prefácio à obra “Tornar-se negro” (1983, p. 3).

de Fanon com o marxismo e, portanto, as suas menções à dialética Hegeliana. Acerca de Hegel e da dialética<sup>20</sup> trabalhada por Fanon, de acordo com Faustino, Hegel e

[...] sua problematização sobre a relação entre o Eu e o Outro vai além das dimensões subjetivas e intersubjetivas, com o objetivo de afirmar a existência da história como expansão de liberdade do espírito em direção à autoconsciência de si. Em seus escritos a consciência de minha existência depende da interação e, sobretudo, do reconhecimento que os outros atribuem a mim, pois é na relação com o Outro - como exterioridade objetiva - que me faço e me percebo Eu [...] (FAUSTINO, 2015, p. 61).

E sobre a afirmação de Fanon de que “o homem só é humano na medida em que ele quer se impor a um outro homem, a fim de ser reconhecido” (2008, p. 180) Faustino conclui que:

No mesmo caminho, mas direcionando a reflexão para pensar o dilema do negro na sociedade moderna. [...] A dialética do reconhecimento [...] pressupõe que o Eu e o Outro se façam humanos em uma relação recíproca, evitando enclausurar um ao outro em sua “realidade natural”, caso contrário, a dialética não se completaria, tornando “irrealizável o movimento nos dois sentidos” (ibidem: 180). Tanto em Hegel quanto em Fanon a consciência de si é em si e para-si porque é legitimada por outra consciência e, portanto, o movimento de reconhecimento pressupõe ir além do em-si do próprio sujeito, identificando o seu ser no Outro (2015, p. 61).

Assim, para ter o reconhecimento de si mesmo, é preciso a afirmação de si mesmo. Se contrário, e existe uma ideia exterior a mim sobre o que sou e que não me afirma na mesma proporção, sou negado na construção de minha identidade.

A saber, como já discutido, a consciência de mim é dada na relação com o Outro. Aqui podemos compreender a relação senhor e escravo percebida na dialética do reconhecimento e na estrutura do colonialismo:

Enquanto escravo, o preto irrompeu na liça onde se encontravam os senhores. Como esses domésticos a quem, uma vez por ano, permitem-se dançar no salão, o preto procurou um apoio. O preto não se tornou senhor. Quando não há mais escravos, não há mais senhores. [...] O branco é um senhor que permitiu a seus escravos comer na sua mesa. Um dia, um bom senhor branco que tinha influência disse a seus colegas: “Sejamos amáveis com os pretos”. Então os senhores brancos, resmungando, pois ainda assim era difícil, decidiram elevar os homens-máquinas-animais à posição suprema de homens (FANON, 2008, p. 182).

---

<sup>20</sup> A consciência-de-si é em si e para si quando e porque é em si e para si uma Outra; quer dizer, só é como algo reconhecido (HEGEL, 1988, p. 126).

Pois:

o reconhecimento é o que propicia a certeza de si-mesmo, a expansão na consciência de si universal, numa relação com o Outro. [...] o sujeito racializado reduzido a um corpo, é interditado de uma ontologia, isto é, impossibilitado de chegar a uma consciência de si, do seu desejo e da sua realização existencial (BORGES, 2020, p. 15).

Visto que:

enquanto ele não é efetivamente reconhecido pelo outro, é este outro que permanece o tema de sua ação. É deste outro, do reconhecimento por esse outro que dependem seu valor e sua realidade humana (FANON, 2008, p. 180).

Em sua totalidade, em termos psicanalíticos esse movimento pode ser explicado pela noção de Ideal de Ego. Pois, o primeiro passo para compreensão, é nos atentar quando Fanon menciona que “a infelicidade do homem é ter sido criança” (2008, p. 191) e “que é preciso voltar a ser criança para compreender certas realidades psíquicas” (ibidem: 161).

Ele conjectura:

Era a raiva; eu era odiado, detestado, desprezado, não pelo vizinho da frente ou pelo primo materno, mas por toda uma raça. Estava exposto a algo irracional. Os psicanalistas dizem que não há nada de mais traumatizante para criança do que o contato com o racional. Pessoalmente eu diria que, para um homem que só tem como arma a razão, não há nada de mais neutrorizante que o contato com o irracional (FANON, 2008, p. 110).

Assim, nos apresenta a desenlaces sobre a expressão da idealização do negro em um ambiente racista. Quem desde sua primária infância sempre representado por um mito negro enraizado que faz parte do “inconsciente da coletividade” (FANON, 2008, p. 90), o qual corresponde a concepções de que “o preto é um animal, o preto é ruim, o preto é malvado, o preto é feio [...]” (ibidem: 106-107), e que “os pretos são selvagens, estúpidos, analfabetos” (ibidem: 109). Este é o modo como o negro é apresentado, seja nos cinemas, nas ilustrações infantis, justamente por ser negado como humano aquilo que é diferente do Eu branco.

Jurandir Freire em seu prefácio à obra de Neuza Santos diz acerca do Ideal de Ego:

É produto formado a partir de imagens e palavras, representações e afetos que circulam incessantemente entre a criança e o adulto, entre o sujeito e a cultura. Sua função, no caso ideal, é a de favorecer o surgimento de uma identidade do sujeito, compatível com o investimento erótico de seu corpo e de seu pensamento, via indispensável a sua relação harmoniosa com os outros e com o mundo (1983, p. 4).

Ao passo em que a criança se desvincula da completa relação de única primária ordem de definição de verdade ou realidade de sua identidade, “a palavra e o desejo materno não mais serão as únicas” (ibidem: 3). A criança inicia sua relação com a sociedade em que vive, e para a criança negra o modelo de Ideal de Ego oferecido é branco, por esta razão não é realizável. Constitui então uma violência psicológica as pessoas negras.

Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro. [...] A violência racista do branco exerce-se antes de mais nada, pela impiedosa tendência a destruir a identidade do sujeito negro. Este, através da internalização compulsória e brutal de um Ideal de Ego branco, é obrigado a formular para si um projeto identificatório incompatível com as propriedades biológicas de seu corpo. Entre o Ego e seu Ideal cria-se, então, um fosso que o sujeito negro tenta transpor, às custas de sua possibilidade de felicidade, quando não de seu equilíbrio psíquico (ibidem: 2-3).

Portanto, a subjetividade do homem negro foi circunscrita na sua inferiorização, na figura de dependência que depende da legitimação do branco, desde que o homem branco diz o que é e o que não é humano, bom e belo. Ao homem negro foi determinado que é impossível ser um sujeito em si mesmo, foi impossibilitada sua participação aberta na sociedade. A eles não foi legitimada uma identidade, mas sim a violência.

O homem negro começa então a negar e odiar o seu corpo. Tenta a assimilação ao branco não somente nos aspectos estéticos. É pela forma que se veste, pela linguagem, uma vez que “nada de mais sensacional do que um negro que se exprime corretamente, pois, na verdade, ele assume o mundo branco” (FANON, 2008, p. 48). É pelo embranquecimento dos seus traços, da sua história que o homem negro tenta essa aproximação, ou seja, subjetivado a negar sua negritude. Para tentar solucionar esse conflito psicológico Fanon aponta para uma forma de aproximação do negro ao branco, a qual se dá através do relacionamento afetivo.

Na tentativa de branqueamento e aproximação “pois, afinal de contas, é preciso embranquecer a raça [...] para assegurar sua brancura” (FANON, 2008, p. 57) o

homem negro deseja se relacionar com a branca, e a mulher negra com o branco. Esses relacionamentos de afeto se dão em relação ao poder e não ao sujeito. A mulher negra pode usualmente não amar o branco, mas sim amar suas características de brancura, devido ao fato de que, por estar com um branco foge de si mesma enquanto negra e abre a possibilidade de ser humano. O homem negro ao se relacionar com a mulher branca, se sente na mesma potência de possuir o corpo branco assim como o homem branco possui.

Fanon compreende que “o amor autêntico permanecerá impossível enquanto não eliminarmos esse sentimento de inferioridade [...]” (FANON, 2008, p. 54). O que Fanon nos diz é que amor entre o homem negro e a mulher branca, ou entre o homem branco e a mulher negra é completamente possível, não se pode negar aos povos negros o direito subjetivo de escolher sua afetividade, seus parceiros. Desde que brancos e negros não são mais ou menos humanos, não há razões para o relacionamento com os brancos por uma supervalorização, tentativa de assemelhação ou preenchimento da falta, como também o não relacionamento por se assumir uma cólera perante o branco.

Uma outra forma de tentar essa correspondência com o branco é pela ascensão social, tema trabalhado por Neuza Santos em seus escritos. A autora aponta que,

Lutando, muitas vezes, contra a maré da dominação, o negro foi, aos poucos, conquistando espaços que os integravam à ordem social competitiva e lhe permitiam classificar-se no sistema vigente de classes sociais. A ascensão surgia, assim, como um projeto, cuja realização traria consigo a prova insofismável dessa inserção. Significava um empreendimento que, por si só, dignificava aqueles que o realizassem. E mais: retirando-o da marginalidade social, onde sempre esteve aprisionado, a ascensão social se fazia representar, ideologicamente, para o negro, como um instrumento de redenção econômica, social e política, capaz de torná-lo cidadão respeitável, digno de participar da comunidade nacional. E, como naquela sociedade o cidadão era o branco, os serviços respeitáveis eram “serviços de brancos”, ser bem tratado era ser tratado como branco. Foi com a disposição básica de ser gente que o negro organizou-se para a ascensão, o que equivale dizer: foi com a principal determinação de assemelhar-se ao branco – ainda que tendo que deixar de ser negro [...] (1983, p. 21).

A quebra na tentativa de corresponder ao Ideal de Ego branco está no fato de que por mais que vivesse como um branco, se aculturasse com a cultura do branco, falasse como um branco, se vestisse como um branco, tivesse as mesmas condições sociais de um branco, ainda assim é percebido como preto pela sua pele, por seu

corpo. E como é preto, não pode ser humano - na sua condição de negro, jamais é visto como humano.

O homem negro não pode abdicar da sua epiderme. Aí é quando o homem negro percebe mais claramente o racismo, quando por ser negro, e ainda que tenha pertencimento a um pequeno grupo que possui a mesma ascensão social dos brancos, não se sente pertencente aos lugares que são compreendidos como "lugar de branco" e, então, se torna para o homem negro, essencial o uso de uma máscara branca para o reconhecimento social. Contudo, o homem negro pode se libertar, a cura está na mudança na estrutura da sociedade, (pois, não se pode tratar o sujeito sem tratar a sociedade) na desracialização desta.

E o primeiro passo é entender que o branco se materializou enquanto ideia de universal, alienando afetivamente as pessoas negras como estrutura necessária para essa dominação.

## **Considerações Finais**

"O colonizado dá uma gargalhada toda vez que aparece como animal nas palavras do outro, pois sabe que não é um animal [...]" (FANON, 1968, p. 32). Quando ser negro não é mais um problema as pessoas passam a se identificar como negras. Com o reconhecimento do processo de universalização do branco, pelos dois polos, os povos brancos e os povos negros e, por fim, reconhecimento de seus privilégios (da branquitude), em uma luta contra a internalização da inferiorização do negro e universalização do branco instaurada pelo colonialismo na realidade e no inconsciente, então, é possível uma transformação social.

Quando for compreendido que o corpo negro não suporta de tudo, e que é apenas um corpo humano, não uma coisa ou "[...] o meio do caminho no desenvolvimento do macaco até o homem" (FANON, 2008, p. 33), o homem negro se sentirá livre para exercer a sua vontade que é apenas, ser gente, sem a necessidade de negar sua origem, seus traços, sua cultura. Assim tomando consciência de sua negritude, abrindo possibilidade para uma construção de uma identidade humana própria e, então, "contestação do modelo advindo das figuras primeiras [...]" que lhe ensinam a ser uma caricatura do branco. Rompendo com este modelo, o negro

organiza as condições de possibilidade que lhe permitirão ter um rosto próprio” (SOUZA, 1983, p. 77).

O homem negro tem a capacidade de se reinventar, quando torna-se negro, ou seja:

Ser negro é, [...] tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona em uma imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse dessa consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração (SOUZA, 1983, p. 77).

Fanon nos diz que:

Não basta apenas combater pela liberdade de seu povo. É preciso também, durante todo o tempo de duração do combate, reensinar a esse povo e em primeiro lugar reensinar a si mesmo a dimensão do homem. É preciso percorrer os caminhos da história do homem condenado pelos homens e provocar, tornar possível, o encontro do seu povo e dos outros homens (1968, p. 253).

## Referências

### Obras primárias:

ANDRADE, Érico. **A opacidade do iluminismo: O racismo na filosofia moderna**. Revista Kriterion. Belo Horizonte: n°.137.2017, p. 291-309.

BARBUJANI, Guido. **A invenção das raças**. Tradução Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2007.

FAUSTINO, Deivison. **“Por que Fanon, por que agora?”: Fanon e os fanonismos no Brasil**. São Carlos: 2015. Tese (Doutorado em sociologia).

FRANTZ, Fanon. **Pele Negra máscaras brancas**. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FRANTZ, Fanon. **Os condenados da Terra**. Tradução José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MOURA, Clóvis. **Dialética radical do Brasil negro**. São Paulo: Fundação Maurício Grabois, 2014.

SOUZA, Neuza. **Tornar-se negro ou As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

### **Obras de apoio:**

ANDRE, Maria. **O ser negro: um estudo sobre a construção de subjetividades em afro-descendentes**. Brasília: 2007. Tese (Doutorado em psicologia).

BORGES, Rafael. **Raça, corpo e existência: uma leitura pós-colonial em Fanon**. Revista Anãnsi. Vol. 1, nº. 2, 2020.

CARVALHO, Juliéverson. **A ideia de raça em Frantz Fanon e sua influência sobre o pensamento decolonial epistêmico**. Foz do Iguaçu: 2015. Tese.

C. Lewontin. **The apportionment of human diversity**. Evolutionary Biology, 1972.

COSTA, Joaze. **A prece de Frantz Fanon: Oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!**. Revista Civitas. V. 16, nº. 3, p. 504-521, 2016.

FAUSTINO, Deivison. **Sartre, Fanon e a dialética da negritude: Diálogos abertos e ainda pertinentes**. Revista EntreLetras. Vol. 2, nº. 2, 2020.

HAROCHE, Claudine. **Reflexões sobre a subjetividade na colonização**. Revista Conexão Letras. Vol. 4, nº. 4, 2009.

HEGEL, George W. F. **Fenomenologia do Espírito**. Trad. Paulo Meneses e Karl-Heinz Efen. Petrópolis: Vozes, 1992.

HUME, David. **Essays, Political and Literary**. Reimpressão Indianópolis: Liberty Fund, 1985.

MILLS, Charles. **Ignorância branca**. Tradução Breno Ricardo Guimarães Santos. Griot revista de filosofia, v 17, n. 01, 413-438, 2018.

NEY, Alyssa. **Metaphysics an introduction**. Londres e Nova York: Routledge, 2014. **Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Michael James, 2017.